

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 [gesepe.ufma](https://www.instagram.com/gesepe.ufma)

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



**FORMAÇÃO DOCENTE CONTINUADA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: uma
análise das oficinas do curso Corpos e Diversidade na Educação-CDE**

Milena Nayane Freire Trindade¹
Sirlene Mota Pinheiro da Silva²

Resumo: Este trabalho constitui-se como recorte da monografia de final do Curso de Pedagogia, intitulada “Gênero e sexualidade na formação docente continuada e em práticas pedagógicas na Educação Infantil”, correspondendo à seção que analisa a formação continuada no curso Corpos e Diversidade na Educação (CDE). O estudo objetiva analisar de que maneira as oficinas desenvolvidas no âmbito do curso CDE contribuíram para a ampliação das reflexões docentes e para a ressignificação de práticas pedagógicas na Educação Infantil, especialmente no enfrentamento das desigualdades de gênero desde a infância. A pesquisa adotou abordagem qualitativa, com produção de dados por meio de observação direta realizada durante as oficinas ocorridas em julho, novembro e dezembro de 2025, na Universidade Federal do Maranhão (UFMA). A análise foi realizada de forma descritiva e interpretativa, à luz dos estudos de gênero. Os resultados indicam que as estratégias formativas favoreceram reflexões críticas acerca das normas de gênero naturalizadas no cotidiano escolar, possibilitando deslocamentos conceituais e incentivando práticas pedagógicas mais inclusivas e comprometidas com a equidade. Conclui-se que as oficinas configuram-se como espaço formativo potente para a construção de uma educação antissexista na Educação Infantil, possibilitou às professoras ampliar seus conhecimentos sobre gênero e sexualidade, promovendo deslocamentos conceituais e incentivando a construção de práticas pedagógicas mais críticas e comprometidas com a equidade.

Palavras-chave: Educação Infantil. Formação Continuada. Relações de Gênero. Práticas Pedagógicas. Curso CDE.

**Continuing Education in Early Childhood Education: An Analysis of the
Workshops of the Bodies and Diversity in Education Course (CDE)**

Abstract: This work is an excerpt from the final monograph of the Pedagogy course, entitled "Gender and Sexuality in Continuing Teacher Education and in Pedagogical Practices in Early Childhood Education," corresponding to the section that analyzes

¹ Graduada do Curso de Pedagogia na Universidade Federal do Maranhão - UFMA
Milenanayanne@gmail.com

² Professora orientadora: Doutora em Educação, Curso de Pedagogia, Universidade Federal do Maranhão - UFMA, Sirlene.mota@ufma.br

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS DIREITOS HUMANOS

 [gesepe.ufma](https://www.instagram.com/gesepe.ufma)

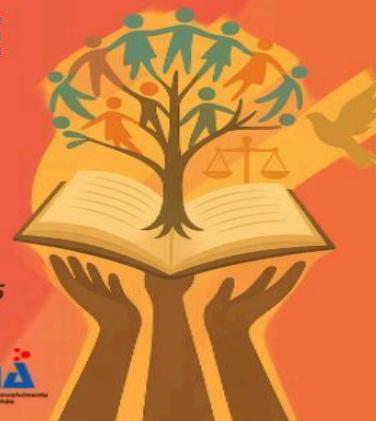
Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



continuing education in the Bodies and Diversity in Education (CDE) course. The study aims to analyze how the workshops developed within the CDE course contributed to broadening teachers' reflections and to the re-signification of pedagogical practices in Early Childhood Education, especially in addressing gender inequalities from childhood. The research adopted a qualitative approach, with data production through direct observation carried out during the workshops held in July, November, and December 2025 at the Federal University of Maranhão (UFMA). The analysis was performed descriptively and interpretatively, in light of gender studies. The results indicate that the training strategies fostered critical reflection on gender norms naturalized in daily school life, enabling conceptual shifts and encouraging more inclusive pedagogical practices committed to equity. It is concluded that the workshops constitute a powerful training space for building anti-sexist education in early childhood education, enabling teachers to expand their knowledge about gender and sexuality, promoting conceptual shifts and encouraging the development of more critical pedagogical practices committed to equity.

Keywords: Early Childhood Education. Continuing Education. Gender Relations. Pedagogical Practices. CDE Course.

Formación Continua en Educación Infantil: Un Análisis de los Talleres del Curso Cuerpos y Diversidad en Educación (CDE)

Resumen: Este trabajo es un extracto de la monografía final del curso de Pedagogía, titulada "Género y Sexualidad en la Formación Continua Docente y en las Prácticas Pedagógicas en Educación Infantil", correspondiente a la sección que analiza la formación continua en el curso Cuerpos y Diversidad en la Educación (CDE). El estudio tiene como objetivo analizar cómo los talleres desarrollados dentro del curso CDE contribuyeron a ampliar las reflexiones docentes y a la resignificación de las prácticas pedagógicas en Educación Infantil, especialmente en lo que respecta a abordar las desigualdades de género desde la infancia. La investigación adoptó un enfoque cualitativo, con la producción de datos a través de la observación directa realizada durante los talleres llevados a cabo en julio, noviembre y diciembre de 2025 en la Universidad Federal de Maranhão (UFMA). El análisis se realizó de forma descriptiva e interpretativa, a la luz de los estudios de género. Los resultados indican que las estrategias de formación fomentaron la reflexión crítica sobre las normas de género naturalizadas en la vida escolar cotidiana, posibilitando cambios conceptuales y promoviendo prácticas pedagógicas más inclusivas comprometidas con la equidad. Se concluye que los talleres constituyen un espacio de formación eficaz para la construcción de una educación antisexista en la educación infantil, que permite a los docentes ampliar sus conocimientos sobre género y sexualidad, promoviendo cambios

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIÉDADA DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

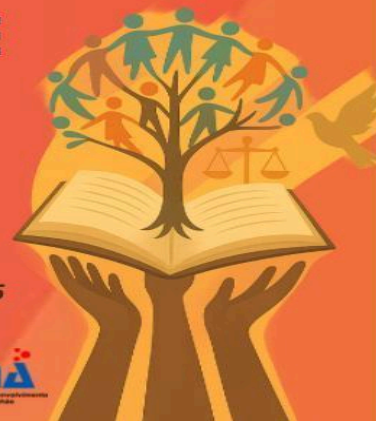
Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



conceptuales y fomentando el desarrollo de prácticas pedagógicas más críticas comprometidas con la equidad.

Palabras clave: Educación Infantil. Formación Continua. Relaciones de Género. Prácticas Pedagógicas. Curso de Educación Continua.

INTRODUÇÃO

O presente artigo constitui-se como recorte da monografia apresentada no Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão, Campus de São Luís, intitulada “Gênero e sexualidade na formação docente continuada e em práticas pedagógicas na Educação Infantil” e tem como foco a análise do curso Corpos e Diversidade na Educação (CDE), sendo este uma ação formativa do Projeto de Pesquisa Intervenção "Corpos e Diversidade na Formação Continuada e nas Práticas Educativas", desenvolvido pelo Grupo de Estudos e Pesquisas Gênero e Sexualidade nas Práticas Educativas (GESEPE), com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Tecnológico do Maranhão (FAPEMA), por meio do Edital Universal 06984/22, enquanto proposta de formação continuada para profissionais de Educação.

Nesse contexto, a formação docente assume papel central, uma vez que são as/os professoras/es que mediam as experiências educativas no cotidiano escolar. Reconhecer que educar para a equidade implica problematizar estereótipos, desigualdades e preconceitos exige que a formação continuada se constitua como espaço de reflexão crítica e construção coletiva de saberes.

O curso CDE emerge, assim, como uma proposta formativa comprometida com a promoção de práticas pedagógicas sensíveis às diferenças e orientadas pelos princípios da justiça social. Organizado em módulos temáticos que articulam corpo, gênero e sexualidade, o curso busca instrumentalizar educadoras/es para atuar de forma ética, inclusiva e transformadora nos espaços educativos.

Diante desse cenário, este artigo tem como objetivo analisar de que maneira as oficinas desenvolvidas no âmbito do curso CDE contribuíram para a ampliação das

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES DA PRECARIÉDADA DOS CORPOS À GARANTIA DOS DIREITOS HUMANOS

 [gesepe.ufma](https://www.instagram.com/gesepe.ufma)

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



reflexões docentes e para a ressignificação de práticas pedagógicas na Educação Infantil, especialmente no enfrentamento das desigualdades de gênero desde a infância. Sua principal finalidade é possibilitar que educadores/as estejam mais preparados/as para atuar de forma inclusiva, respeitosa e transformadora nas escolas e demais espaços educativos como cita Sirlene Silva (2025, p. 10), o principal objetivo do curso está em:

[...] contribuir com profissionais da educação maranhenses, instrumentalizando-os/as para refletir a respeito desses temas, proporcionando condições para efetivar uma educação inclusiva, não sexista e não racista, para que sejam capazes de produzir e estimular o senso crítico de crianças, adolescentes e jovens nas diferentes situações do cotidiano escolar, de forma articulada à proposta pedagógica da escola.

O objetivo geral do curso é desenvolver uma formação sólida sobre as temáticas de corpo e diversidade, a fim de fomentar práticas pedagógicas que valorizem as identidades e combatam preconceitos no cotidiano escolar. Nesse sentido, os/as participantes são estimulados/as a refletir sobre suas experiências e a produzir conhecimentos e intervenções didáticas alinhadas aos princípios dos direitos humanos e da equidade. Dentre os objetivos específicos, destacam-se: a promoção da inclusão social por meio da desconstrução de culturas discriminatórias em torno do corpo, gênero e sexualidade; a elaboração de propostas didáticas que aproveitem os acervos culturais e curriculares para promover debates sobre corpo e diversidade em diferentes áreas do conhecimento e a produção de materiais de apoio que auxiliem o trabalho pedagógico em escolas da educação básica e outras instituições educativas do estado do Maranhão. O curso foi organizado em três módulos temáticos, com 60 horas cada, totalizando 180 horas: Gênero e Diversidade, Corpos e Corporeidades e Relações de Gênero e Sexualidade na Escola.

A seguir apresentamos uma breve descrição do caminho metodológico percorrido, explicitando a abordagem adotada, os procedimentos de produção e análise dos dados.

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

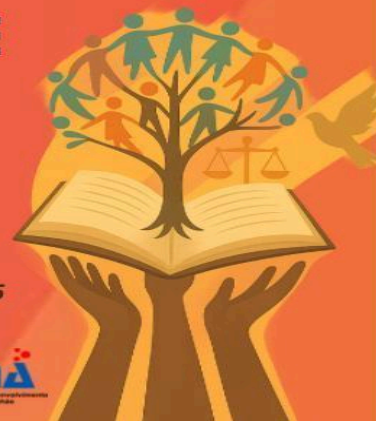
Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



O CAMINHO METODOLÓGICO PERCORRIDO

Este estudo adota uma abordagem qualitativa, compreendendo-a como uma perspectiva que busca apreender a complexidade dos fenômenos educacionais em seu contexto natural, valorizando os significados, as intenções e as interações que constituem a realidade escolar (Bogdan; Biklen, 1994). A opção por essa abordagem justifica-se pela natureza do objeto de investigação, que envolve a análise de experiências formativas, discursos e práticas pedagógicas construídas no contexto das oficinas do curso Corpos e Diversidade na Educação (CDE).

A técnica principal de geração de dados foi a observação direta, possibilitando uma análise contextualizada das práticas desenvolvidas no ambiente investigado. Marconi e Lakatos (2003) definem a observação como uma técnica que utiliza os sentidos para captar aspectos da realidade, favorecendo a compreensão dos processos pedagógicos em seu contexto natural. Essa estratégia permite analisar, de forma próxima e detalhada, as dinâmicas sociais e as práticas docentes.

Neste estudo, a observação foi realizada durante as oficinas do curso CDE, ocorridas nos meses de julho, novembro e dezembro de 2025, na Universidade Federal do Maranhão (UFMA), localizada no bairro do Bacanga, em São Luís – MA. Cada oficina correspondeu a um encontro formativo, permitindo acompanhar de maneira sistemática as estratégias desenvolvidas, as interações estabelecidas entre as/os participantes e os sentidos produzidos ao longo do processo formativo. A observação teve como foco analisar as interações estabelecidas durante as oficinas do curso, atentando-se às falas das professoras, às experiências relatadas sobre o cotidiano escolar e às reflexões construídas coletivamente.

A análise dos dados foi realizada de forma descritiva e interpretativa, articulando os registros da observação direta realizada nas oficinas do curso Corpos e Diversidade na Educação (CDE) e as respostas obtidas por meio dos questionários aplicados às professoras participantes.

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



Os dados foram organizados conforme os objetivos da pesquisa e interpretados à luz do referencial teórico dos estudos de gênero, com contribuições de Joan Scott (1995), Guacira Louro (1997), Judith Butler (2003) e Michel Foucault (1988). Conforme Bogdan e Biklen (1994), a análise em pesquisas qualitativas consiste em um processo de organização e interpretação sistemática dos dados, buscando identificar sentidos, padrões e significados presentes nas falas e nas situações observadas.

Na seção seguinte, discutimos as possibilidades de uma educação antissexista, articulando as contribuições dos estudos de gênero para a compreensão das práticas pedagógicas na Educação Infantil.

POSSIBILIDADES DE UMA EDUCAÇÃO ANTISSEXISTA

Ao refletir sobre as possibilidades para uma educação antissexista, torna-se fundamental compreender a escola como um espaço de produção de saberes, valores e práticas que podem tanto produzir quanto questionar desigualdades de gênero. Nesse sentido, a educação antissexista propõe ações pedagógicas intencionais que problematizem estereótipos, hierarquizações e discriminações baseadas no sexo e no gênero. Segundo Louro (2000, p.32):

Os discursos sobre a sexualidade evidentemente continuam se modificando e multiplicando. Esses discursos não são, obviamente, absolutos nem únicos; muito pelo contrário, agora, mais do que antes, outros discursos emergem e buscam se impor; estabelecem-se controvérsias e contestações, afirmam-se, a política e publicamente, identidades silenciadas e sexualmente marginalizadas.

Conforme aponta a autora os discursos permitem compreender que a sexualidade é construída social e historicamente por meio de discursos que se transformam ao longo do tempo. Esses discursos não são fixos nem homogêneos, mas atravessados por disputas de poder, uma vez que diferentes grupos buscam afirmar suas visões, identidades e experiências. Nesse processo, identidades que antes eram

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS DIREITOS HUMANOS

 [gesepe.ufma](https://www.instagram.com/gesepe.ufma)

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



silenciadas ou marginalizadas passam a ocupar espaços de visibilidade e reconhecimento.

Pode-se inferir que a lacuna existente no que se refere à educação sexual na formação inicial das professoras constitui um dos, senão o principal, fatores que influenciam a percepção docente sobre essa temática. Nessa perspectiva, torna-se necessário refletir sobre a forma como as professoras da Educação Infantil compreendem a sexualidade, uma vez que tal compreensão está diretamente relacionada às maneiras pelas quais conduzem suas práticas pedagógicas e atividades com as crianças no cotidiano escolar.

Ao trabalhar com sexualidade na escola o educador traz consigo a sua construção sócio-histórica, a forma como foi educado sexualmente, pela família e pela sociedade, exigindo-se do educador uma constante reflexão, estudos e atualizações para que tenha sucesso nesse trabalho. (Martin, 2010, p. 93).

A partir dessa perspectiva, é importante ressaltar que o trabalho com a sexualidade na escola não é neutro, pois o/a educador/a leva para a prática pedagógica suas próprias vivências, valores e concepções construídas historicamente ao longo de sua formação familiar, social e cultural. Dessa forma, ao abordar a sexualidade no contexto escolar, especialmente na educação infantil torna-se fundamental que o/a docente realize um exercício constante de reflexão crítica sobre suas crenças e posturas, buscando estudos e atualizações que possibilitem uma atuação pedagógica consciente, ética e comprometida com o respeito à diversidade.

No cotidiano escolar, práticas, símbolos e discursos contribuem para a construção de normas que orientam os modos de ser, agir e se relacionar das crianças. Como aponta Louro (2003, p.58)

A escola delimita espaços. Servindo-se de símbolos e códigos, ela afirma o que cada um pode (ou não pode) fazer, ela separa e institui. Informa o 'lugar' dos pequenos e dos grandes, dos meninos e das meninas. Através de seus quadros, crucifixos, santas ou esculturas, aponta aqueles/as que deverão ser modelos e permite, também, que os sujeitos se reconheçam (ou não) nesses modelos.

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

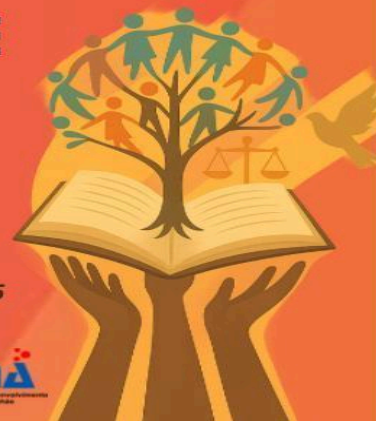
Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



A partir dessa compreensão, a escola acaba determinando como os sujeitos devem se enquadrar nesse “perfil” que é colocado desde cedo, longe de um espaço neutro a escola comunica valores que talvez molde os comportamentos de meninos e meninas e que acaba influenciando diretamente a maneira como as relações são construídas neste espaço. Através de muitas instituições e práticas, essas concepções foram e são aprendidas e interiorizadas, ao delimitar espaços e indicar modelos considerados adequados, a instituição escolar contribui para a construção de expectativas sobre comportamentos, corpos e identidades, especialmente no que se refere às relações de gênero.

Enquanto professor/a preciso voltar ao olhar especialmente para as práticas cotidianas em que se envolvem todos os sujeitos. São, pois, as práticas rotineiras e comuns, os gestos e as palavras banalizadas que precisam se tornar alvos de atenção renovada, de questionamento e, em especial, de desconfiança. Segundo Louro (2003,p.63) “problematiza a ideia de que a separação entre meninos e meninas na escola seja algo natural, seja na organização das filas, nos trabalhos em grupo ou na escolha dos brinquedos”.

A autora questiona a naturalização dessas práticas e destaca que, no cotidiano escolar, as crianças frequentemente se misturam para brincar e realizar atividades, evidenciando que tais separações são construções sociais e não determinações naturais. É indispensável questionar não apenas o que ensinamos, mas o modo como ensinamos e que sentidos nossas crianças dão ao que aprendem.

Dentre os módulos que compõem o curso, o módulo 3, dedicado à temática da sexualidade, assume papel central na formação docente, ao problematizar concepções naturalizadas e normativas presentes no cotidiano escolar. O módulo compreende a sexualidade como uma construção social, histórica e cultural, orientando as professoras a refletirem sobre como discursos, práticas e relações escolares influenciam a forma como as crianças constroem percepções sobre seus corpos, comportamentos e identidades.

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



Nesse contexto, a formação continuada oferecida pelo CDE fortalece o papel da professora enquanto mediadora das relações vivenciadas na Educação Infantil. Ao proporcionar espaços de estudo, reflexão e diálogo, o curso possibilita que as docentes revisitem suas práticas pedagógicas, identifiquem situações de reprodução do sexismo e construam estratégias educativas comprometidas com uma perspectiva antissexista.

Em seguida, apresentamos a análise das oficinas do curso Corpos e Diversidade na Educação (CDE), evidenciando as contribuições formativas e os deslocamentos produzidos nas práticas docentes.

AS OFICINAS COMO ESPAÇO FORMATIVO

É importante destacar que a formação docente, inicial e continuada, pode e deve ser uma ferramenta poderosa na construção de relações menos desiguais, mais plurais e democráticas na sociedade e principalmente no espaço escolar. Nessa perspectiva, essa seção dedica-se à análise da observação direta realizada ao longo das oficinas do curso CDE, destacando as estratégias formativas voltadas à promoção da equidade de gênero no contexto escolar.

Enquanto professores/as é preciso se pensar o quanto a escola em vez de fazer com que as diferenças sejam valorizadas neste espaço, acaba excluindo crianças que não correspondem a norma esperada pelo sistema. Nessa perspectiva, isso acontece porque, ao mesmo tempo em que a escola busca a universalização do acesso, o sistema escolar é permeado de mecanismos de seleção social e cultural que resultam na exclusão.

Assim, é preciso se criar uma proposta para uma escola que dialogue com todas as formas de ser e viver no mundo, com vidas vividas. Toda a escola está implicada nesse processo de produção de sujeitos, como explica Louro (1997, p.64):

Curriculos, normas, procedimentos de ensino, teorias, linguagem, materiais didáticos, processos de avaliação constituem-se em espaços de construção das “diferenças” de gênero, de sexualidade, de etnia, de classe. Por meio de

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

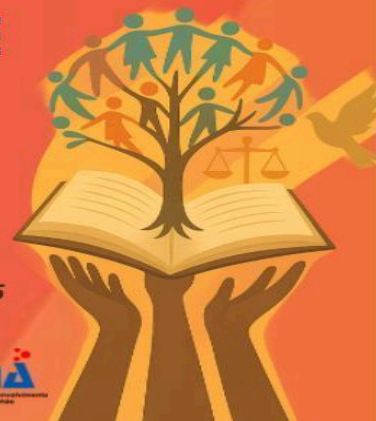
Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



mecanismos imperceptíveis e “naturalizados”, a linguagem institui e demarca lugares (não apenas pelo ocultamento do gênero feminino ou da sexualidade homossexual, mas, também, pelas diferenciadas adjetivações que são atribuídas aos sujeitos, pelo uso ou rejeição do diminutivo, pela escolha dos verbos, pelas associações e pelas analogias feitas em relação a determinadas qualidades, atributos ou comportamentos). O currículo “fala” de alguns sujeitos e ignora outros; conta histórias e saberes que, embora parciais, se pretendem universais; as ciências, as artes e as teorias trazem a voz daqueles que se auto atribuíram a capacidade de eleger as perguntas e construir as respostas que, supostamente, são de interesse de toda a sociedade.

No âmbito da formação continuada promovida pelo curso CDE, a observação direta realizada durante a Oficina do Módulo I – “Gênero e Diversidade” possibilitou compreender de que maneira as estratégias formativas adotadas contribuíram para a problematização das práticas pedagógicas e para a promoção da igualdade de gênero desde a primeira infância. A oficina ocorreu presencialmente, em julho de 2025, em uma sala organizada em semicírculo, disposição que favoreceu o diálogo, a escuta sensível e a interação entre as participantes.

O grupo de professoras demonstrou envolvimento ativo nas discussões propostas, compartilhando experiências pessoais e profissionais relacionadas às desigualdades de gênero vivenciadas no cotidiano escolar. As narrativas evidenciaram não apenas o reconhecimento da relevância da temática, mas também inquietações acerca de práticas que, muitas vezes, reforçam estereótipos. Observou-se, ainda, o interesse em aprofundar conhecimentos sobre gênero na infância, especialmente no que se refere à construção de práticas pedagógicas mais inclusivas e equitativas.

Para assegurar os princípios éticos da pesquisa e preservar a identidade das participantes, foram adotados pseudônimos ao longo do texto, identificando-as como Flor-de-lis, Jasmim, Orquídea, Violeta e Margarida.

As estratégias formativas adotadas na oficina, fundamentadas na escuta sensível, na troca de experiências e na utilização de elementos lúdicos, mostraram-se potentes para provocar questionamentos sobre normas de gênero historicamente construídas. Mesmo diante de desafios, como a baixa adesão inicial, a formação revelou-se um

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido

Realização



Apoio



espaço fértil para a construção coletiva de novos olhares sobre a diversidade, reforçando a importância da formação continuada como caminho para promoção da equidade de gênero na Educação Infantil.

Assim, a escola tende a produzir separações consideradas femininas e masculinas, naturalizando determinados modos de brincar, agir e se expressar. Crianças que destoam desses padrões, ainda que de maneira incipiente, podem vivenciar situações de controle, correção ou silenciamento, evidenciando a necessidade de práticas pedagógicas comprometidas com a promoção da igualdade de gênero e com o enfrentamento da heteronormatividade desde a primeira infância.

Miskolci (2012, p. 52) aponta que “historicamente, nenhum outro espaço institucional foi tão claramente usado como uma tecnologia de normalização quanto o escolar”. Isso significa dizer que não deverá ser tão fácil alterar essa visão que a escola enquanto espaço de socialização, ele molda os corpos infantis e, por isso, a proposta é utilizar uma metodologia desconstrutiva, capaz de fazer com que o/a professor/a utilize de estratégias para criar um espaço em que as crianças se confrontam com as diferenças. Para Richard Miskolci (2012, p. 49)

A educação atual [...] se constitui em um conjunto de técnicas que busca fazer o outro ser do jeito que a gente quer. [...] a gente aprende a ensinar como se ensinar fosse um processo bem-sucedido em que, no final, todo mundo pensa como você, age como você e vive como você.[...] ao invés de educar para homogeneizar ou alocar confortavelmente cada um em uma gaveta, estejamos começando a aprender a nos transformar por meio das diferenças.

Sob outra perspectiva, ao se confrontar com as questões de gênero e sexualidade nas relações infantis ou nas experiências vivenciadas com as crianças no cotidiano escolar, percebe-se que a forma como se conduz atividades ou brincadeiras realizadas durante momentos de recreação, está diretamente relacionada à formação docente e à intencionalidade pedagógica da professora.

Na oficina II “Corpos e corporeidade” conforme apresentado no Caderno Pedagógico, propõe uma compreensão ampliada do corpo, superando a visão

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS DIREITOS HUMANOS

 [gesepe.ufma](https://www.instagram.com/gesepe.ufma)

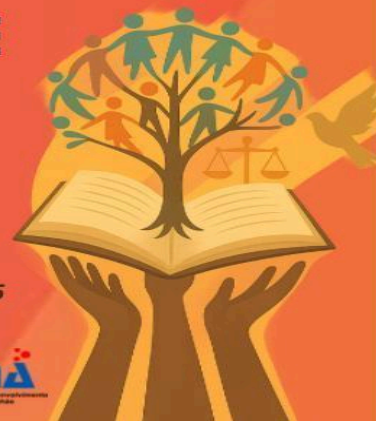
Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



biologicista e fragmentada historicamente construída no âmbito educacional. O corpo é entendido como uma construção social, histórica e cultural, atravessada por relações de poder, normas, valores e significados que influenciam a forma como os sujeitos vivem, se expressam e aprendem.

Nesse sentido, foi problematizado que o corpo carrega marcas de identidade, cultura, memória e história, sendo atravessado por experiências sociais, políticas e culturais que influenciam diretamente o processo educativo. As discussões ressaltaram a necessidade de “desaprender” a concepção de que apenas o intelecto importa no processo de ensino-aprendizagem, reconhecendo o corpo como parte constitutiva do sujeito e do conhecimento.

As professoras participantes foram convidadas a refletir criticamente sobre suas próprias trajetórias formativas enquanto educadoras, revisitando suas concepções acerca do corpo na educação e reconhecendo como suas formações iniciais e continuadas, muitas vezes, negligenciaram a corporeidade como dimensão fundamental da prática pedagógica.

É importante ressaltar que a contribuição de Judith Butler (2004) destaca que o gênero é influenciado por essas normas e como elas são internalizadas pelas pessoas. No entanto, Butler(2004) sugere que podemos desafiar essas normas. Ao agir de maneiras que não se encaixam nos padrões tradicionais de gênero, podemos abrir espaço para novas formas de pensar sobre quem somos e como nos identificamos.

Assim, as participantes foram levadas a refletir acerca de como entendem essas questões, a participante identificada como, Jasmim coloca que,

Jasmim – “Muitas vezes, os corpos de meninos e meninas são vistos como problemáticos quando não correspondem às normas e expectativas impostas pelo sistema escolar e social. Quando um menino demonstra sensibilidade ou prefere brincar de boneca, por exemplo, isso logo causa estranhamento. Da mesma forma, quando uma menina é mais ativa, questionadora ou não se comporta dentro do que se espera como ‘delicado’, ela também é alvo de correções constantes. A escola, mesmo sem perceber, acaba reforçando padrões que limitam as possibilidades de expressão das crianças”. Professora da Educação Infantil-Módulo II)

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



Nessa perspectiva, Butler (1993) é outra autora fundamental para pensar as intersecções entre corpo, sexualidade e gênero; especialmente no que diz respeito à heteronormatividade. Butler evidencia que as normas de gênero e sexualidade são impostas pela cultura, as quais moldam os corpos e identidades dos indivíduos.

Durante a oficina do Módulo III, que teve como eixo central as “Relações de gênero e sexualidade na escola”, emergiram reflexões significativas a partir das experiências compartilhadas pelas professoras participantes, evidenciando como essas temáticas se manifestam no cotidiano da educação infantil e como ainda são atravessadas por preconceitos, estereótipos e desigualdades de gênero.

Uma das participantes destacou que a sexualidade quando abordada na escola, se torna um tema que sofre influências externas as sendo intimamente relacionada à orientação sexual da criança e que abordar esse tema no espaço escolar ainda gera muitas controvérsias e debates. Segundo a Professora Violeta,

Violeta- “Discutir sexualidade na escola provoca reações diversas, especialmente por se tratar de um assunto que ainda é visto como tabu, o que dificulta sua abordagem de forma natural, respeitosa e pedagógica” (Professora da Escola Infantil-Módulo III).

Essa fala evidencia a necessidade de compreender a sexualidade como parte do desenvolvimento humano, conforme propõe o caderno pedagógico do curso, e não como um conteúdo proibido ou inadequado ao contexto escolar.

Durante a oficina, uma das professoras participantes destacou a ausência de formação específica dos profissionais da educação para tratar das questões relacionadas à sexualidade na escola. Ao compartilhar sua percepção,

Orquídea- “A gente não recebe preparação para lidar com esse tema. Muitas vezes o professor evita falar sobre sexualidade porque tem medo, porque não sabe como abordar. E essa falta de formação acaba reforçando visões discriminatórias dentro da escola” (Professora da Escola Infantil-Módulo III)

Para esta professora, despreparo docente contribui para que as discussões sobre gênero e sexualidade sejam evitadas ou tratadas de maneira superficial, o que acaba

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIÉDADA DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 [gesepe.ufma](https://www.instagram.com/gesepe.ufma)

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



perpetuando preconceitos e silenciamentos no ambiente escolar, em vez de promover uma educação inclusiva e baseada no respeito às diferenças.

É importante destacar a contribuição de Foucault (1996) em que aponta a escola como um dos confinamentos intoleráveis e uma das razões dessa intolerabilidade não se liga somente à disciplinarização dos atos, dos comportamentos, à obrigatoriedade de disciplinar os corpos de diversas formas. Para a instituição de ensino, esse tipo de temática se torna intolerável se adentrar no contexto infantil, é como as percepções que acerca o tema estivesse diretamente relacionado com a escolha futura da criança. A professora, ao relatar sua experiência na educação infantil, afirmou

Margarida- “Já vivenciei diversas situações em que as questões de gênero estavam diretamente relacionadas a práticas discriminatórias. No cotidiano escolar, expressões como ‘isso é coisa de menino’ ou ‘isso é coisa de menina’ ainda são muito presentes, o que evidencia como os papéis de gênero são constantemente reforçados desde a infância. “Relato de professora da Educação Infantil – Módulo III).

Assim, a mesma professora compartilhou uma situação vivenciada em sua prática docente que evidenciou a reprodução de estereótipos de gênero no cotidiano escolar. A compreensão apresentada pela professora Margarida evidencia que os comportamentos atribuídos a meninos e meninas não são naturais, mas resultam de um processo de socialização iniciado desde a infância. Ao afirmar que as crianças são moldadas para seguir normas socialmente impostas, a docente reconhece que a sociedade estabelece expectativas distintas para cada sexo, definindo quais atitudes, brinquedos e formas de comportamento são consideradas aceitáveis.

Nesse sentido, as oficinas do curso Corpos e Diversidade(CDE) possibilitaram às professoras um espaço de escuta, troca e problematização das práticas pedagógicas cotidianas. A partir das discussões e dinâmicas propostas, as professoras passaram a reconhecer como determinadas escolhas aparentemente neutras como a organização das atividades, a seleção de materiais e a divisão de tarefas podem reforçar estereótipos de gênero desde a Educação Infantil.

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



As oficinas formativas do curso Corpos e Diversidade na Educação (CDE) constituíram-se como espaços privilegiados de reflexão e problematização das práticas pedagógicas das professoras participantes. Por meio das atividades propostas, nas discussões coletivas e das dinâmicas vivenciadas, as docentes foram convidadas a refletir criticamente sobre suas concepções de gênero, corpo e sexualidade, bem como sobre a forma como essas categorias atravessam o cotidiano da Educação Infantil

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observa-se que a busca por formações continuadas contribui de maneira significativa para que os/as professores/as se aperfeiçoem constantemente, ampliando suas competências para lidar com situações complexas que emergem no cotidiano escolar, especialmente aquelas relacionadas às questões de gênero e sexualidade. Nesse sentido, o curso CDE mostrou-se um dispositivo formativo necessário e relevante, ao possibilitar reflexões críticas, ressignificação de práticas pedagógicas e fortalecimento do papel docente.

A análise das oficinas do curso Corpos e Diversidade na Educação (CDE) evidenciou que a formação continuada constitui-se como espaço fundamental para a problematização das relações de gênero e sexualidade no contexto da Educação Infantil. As estratégias formativas adotadas, pautadas no diálogo, na escuta e na articulação entre teoria e prática, favoreceram a reflexão crítica das professoras acerca de práticas naturalizadas no cotidiano escolar.

As falas das participantes demonstraram o reconhecimento da presença de estereótipos de gênero nas rotinas pedagógicas, bem como a necessidade de revisão constante das práticas docentes. Observou-se que a formação não se restringiu à transmissão de conteúdos, mas promoveu deslocamentos conceituais e a ampliação do olhar sobre as relações que atravessam os corpos, as identidades e as interações na infância. Conclui-se que a formação continuada, quando fundamentada em perspectivas

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS DIREITOS HUMANOS



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido

Realização



Apoio



críticas, pode contribuir significativamente para a construção de práticas pedagógicas comprometidas com a equidade, o respeito às diferenças e a promoção de uma educação antissexista desde a primeira infância.

REFERÊNCIAS

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação**. Porto: Porto Editora, 1994.

BUTLER, Judith. **Undoing Gender**. New York: Routledge New York And London, 2004.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. **Educação sexual**: como ensinar no espaço da escola. Londrina: UEL, 1995.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MISKOLCI, Richard. **Teoria queer**: um aprendizado pelas diferenças. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71–99, 1995.

QUIVY, Raymond; VAN CAMPENHOUDT, Luc. **Manual de investigação em ciências sociais**. Lisboa: Gradiva, 1992.